

Era só pagar que os inquéritos sumiam, afirma Lessa ao STF

CASO MARIELLE FRANCO

DELAÇÃO AO VIVO

Assassino confesso, Lessa diz no STF que bastava pagar a policiais para sumir com inquéritos

SEGREDOS DO CRIME

VERA ARAÚJO

Em mais de quatro horas de depoimento no Supremo Tribunal Federal (STF), o réu colaborador e ex-sargento da PM Ronnie Lessa admitiu ter atirado na vereadora Marielle Franco (PSOL), como já tinha feito em sua delação premiada, e deu detalhes de um suposto esquema de corrupção em delegacias. Segundo ele, quando os inquéritos eram exclusivamente em papel, bastava pagar R\$ 50 mil aos policiais civis para que "sumissem" com eles. Atualmente, com os documentos digitalizados e inseridos no sistema da corporação, a propina é para que provas desapareçam ou para que sejam criados obstáculos à elucidação do crime, situação que ocorre com mais frequência quando a autoria envolve contraventores e milicianos.

— Posso adiantar que, se houvesse uma intervenção séria e surgisse alguém para denunciar, provando que pagou dinheiro a tantos delegados, teria que abrir concurso. Só meia dúzia se salvaria. Essa é a realidade da Polícia Civil. Não é diferente na PM, é a mesma coisa. As polícias no Rio estão contaminadas há décadas — afirmou Lessa, ao ser questionado pelo promotor Olavo Evangelista Pezzotti, que representou a Procuradoria-Geral da República (PGR).



"A corrupção está em todas as esferas. Então, se o delegado não quer fazer o que eles querem, eles simplesmente tiram ele. É assim que funciona."

"E, na verdade, deixam eu só concluir aqui, tanto o Chiquinho quanto o Domingos têm essa influência. Eles mesmos colocam e retiram delegados de onde quiserem"

"As polícias no Rio estão contaminadas há décadas"

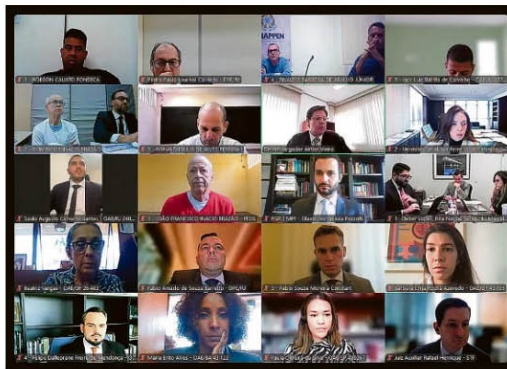
Ronnie Lessa, ao depor no STF

**INQUÉRITOS INCENDIADOS** Ontem, foi o primeiro depoimento de Lessa na audiência de instrução e julgamento da ação penal contra os mandantes da morte de Marielle e seu motorista, Anderson Gomes. As respostas do assassino confesso eram as mais aguardadas após 12 dias de depoimentos. O processo no STF é contra cinco réus: os irmãos Domingos e Chiquinho Brazão — conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Rio (TCE-RJ) e deputado federal, respectivamente —; o ex-chefe de Polícia Civil Rivaldo Barbosa; Robson Calixto Fonseca, conhecido como Peixe; e o major Ronald Paulo Alves Pereira. Os três primeiros são apontados como mandantes do homicídio. Calixto é suspeito de ter fornecido a arma usada no crime, enquanto Ronald é acusado de monitorar a vítima.

Antes de entrar na sala virtual, o advogado de Lessa, Saulo Augusto Carvalho Santos, requereu ao desembargador Airton Vieira, que preside a audiência pelo STF, que seu cliente prestasse depoimento sem a presença dos réus que delatou, como é



FOTOS DE REPRODUÇÃO



Em tela. O início da transmissão da audiência no Supremo Tribunal Federal: juiz, procurador, advogado e réus do caso

previsto em lei, alegando constrangimento. Como a sessão é por videoconferência, o magistrado decidiu que os acusados deixassem a plataforma. Ao entrar, Lessa justificou seu pedido: — São pessoas de alta periculosidade, assim como eu fui. No decorrer do depoimento, vocês vão perceber que essas pessoas são mais perigosas do que se pode imaginar — disse Lessa, referindo-se aos irmãos Brazão. Ao longo de seu depoimento, o ex-PM acrescentou fatos não revelados em sua delação, acordo feito com a Polícia Federal, o Ministério Público do Rio e a PGR no ano passado. Ele afirmou que muitos inquéritos eram destruídos com fogo, na época em que ainda eram em papel. — Você ia lá e falava com o policial que tinha um negó-

cio para resolver ou um inquérito para descartar. Agora, com a digitalização, ficou mais difícil. Mas antes era pegar o inquérito, colocar debaixo do braço, jogar gasolina e atear fogo. Era assim que funcionava. Sumiram estantes inteiras de processos. Isso quando eram físicos. Depois que digitalizaram, ficou um pouco mais difícil. E o que eles fazem hoje? Tentam manipular o processo. O inquérito é manipulado, desviado para outro foco, por aí. Mas antigamente, não. Pegava-se o processo grosso, de um palmo de espessura, colocava debaixo do braço, apertava a mão, deixava R\$ 50 mil e ia embora — disse o ex-PM, que foi cedido para a Polícia Civil por mais de dez anos. Lessa relatou ainda que, quando um policial se recusava a ajudar os irmãos Do-

mingos e Chiquinho Brazão, eles usavam sua influência política para transferir o profissional de seu posto: — A corrupção está em todas as esferas. Então, se o delegado não quer fazer o que eles querem, eles simplesmente tiram ele. É assim que funciona. E, na verdade, deixa eu só concluir aqui, tanto o Chiquinho quanto o Domingos têm essa influência. Eles mesmos colocam e retiram delegados de onde quiserem. É uma questão de influência política, e é disso que eles precisam. Estamos lidando com a cúpula, tá? O delator contou que Domingos e Chiquinho o contrataram por intermédio de Edmilson da Silva Oliveira, o Macalé, que foi morto. Ele disse que se encontrou três vezes com os irmãos e Macalé. Na última vez, segun-

do ele, três semanas após o duplo homicídio, em 14 de março de 2018, Domingos teria lhe dito que Rivaldo Barbosa estava direcionando o "canhão para outro canto" e que, se não desse certo, haveria outra saída: — "Não tem problema, se for o caso, nós vamos por cima. Temos promotores, temos juizes, temos desembargadores, todo mundo é nosso amigo." Foi isso que o Domingos falou para a gente — disse Lessa.

**Metralhadora giratória.** O ex-PM e delator Ronnie Lessa presta depoimento no STF: ele está preso sob a acusação de ter atirado em Marielle e Anderson

SUSPEITA CONTRA ADH

O delator falou ainda que suspeita de que a Delegacia de Homicídios, que investigou o caso Marielle, esteja por trás de um suposto assalto, em que ele foi baleado um mês e meio após o crime: — Eu não posso garantir, mas eu também não duvido que tenha sido a DH. Não duvido nada. E, se por acaso, esse suposto latrocínio fosse uma tentativa de homicídio?

O depoimento de Lessa continua hoje. Depois, deve ser ouvido Elcio de Queiroz, que confessou ter dirigido o carro usado no crime. Nove testemunhas já haviam sido ouvidas sobre os homicídios. O advogado Marcelo Ferreira, que defende Rivaldo Barbosa, disse que Lessa foi genérico e não apresentou qualquer "dado concreto que pudesse corroborar sua narrativa". A defesa de Ronald não quis se pronunciar. Domingos e Chiquinho negam participação no crime e co-nhecer Lessa. Já a Polícia Civil, em nota, disse que as denúncias de Lessa não merecem crédito e que não existem provas que corroborem as afirmações.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

**Seção:** Rio **Página:** 27